

A DERIVAÇÃO DO CONCEITO *SER PARA SI* NA *CIÊNCIA DA LÓGICA* DE HEGEL: UMA APRESENTAÇÃO OPERATÓRIA FORMAL

Antônio Carlos da Rocha Costa

PPG-FIL Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Resumo: Este artigo traz uma apresentação operatória formal da derivação do conceito Ser para si a partir do conceito Finito, derivação que está desenvolvida na Doutrina do Ser, da Ciência da Lógica de Hegel. Mostra-se que a derivação do conceito intermediário Infinito Verdadeiro requer, além da macrooperação progressão de etapa, com que se dão todas as etapas de derivação do conceito Finito, uma operação adicional, que é identificada como a operação de determinação do menor ponto-fixado de microrrelações. Já a derivação do conceito Ser para si a partir do conceito Infinito Verdadeiro requer somente a microoperação supressão. O método geral de execução do primeiro momento da macrooperação progressão de etapa é detalhado, evidenciando um dos papéis que desempenha, no desenvolvimento da Lógica de Hegel, a análise lógica das representações do Entendimento.

Palavras-chave: Lógica de Hegel, Infinito Verdadeiro, Ser para Si, Macrooperação progressão de etapa.

Abstract: This paper gives a formal operatory presentation of the derivation of the concept Being for Self from the concept Finite, derivation that is developed in the Doctrine of Being, of Hegel's Science of Logic. The derivation of the intermediary concept True Infinite is shown to require, besides the macro-operation step progression, with which proceeds the derivation of all the derivation steps of the concept Finite, an additional operation, which is identified as the determination of the least fixed-point of micro-relations. The derivation of the concept Being for Self from the concept True Infinite, on the other hand, is shown to require only the micro-operation sublation. The general method of execution of the first moment of the macrooperation step progression is detailed, evincing one of the roles played, in the development of Hegel's Logic, by the logical analysis of the representations of the Understanding.

Keywords: Hegel's Logic, True infinite, Being-for-Self, Macrooperation of step progression.

1. Introdução

1.1 Considerações Preliminares e Objetivo do Artigo

A idiosincrasia do vocabulário lógico de Hegel, em sua *Ciência da Lógica*¹ constitui reconhecida barreira para a pronta compreensão do propósito, conteúdo e principais resultados dessa *Lógica*². No presente artigo, seguimos a abordagem operatória proposta em (COSTA, 2019) para a elaboração de uma apresentação formalizada da *Lógica* de Hegel, visando viabilizar uma aproximação da mesma aos padrões da lógica simbólico-matemática contemporânea.³

Em particular, em (COSTA, 2021), foram introduzidas três noções que são básicas para aquela abordagem, as noções de *microoperação*, de *microrrelação* e de *macrooperação* de derivação de conceitos, incluindo a macrooperação *progressão de etapa*, ilustrada ali por meio de sua aplicação à análise das *etapas iniciais* do processo de derivação de conceitos da *Lógica Objetiva*, desde o conceito *Ser em geral* até o conceito *Finito*.

O presente artigo complementa o que foi apresentado (COSTA, 2021) ao focar as etapas subsequentes do processo de derivação de conceitos, isto é, indo desde conceito *Finito* até o conceito *Ser para si*, passando pelos conceitos *Infinito Afirmativo* e *Infinito Verdadeiro* e completando, assim, a derivação do conceito final da esfera da noção de *Qualidade*, tal como Hegel a concebe na primeira seção da *Doutrina do Ser* (Hegel, 2016).⁴

Mostra-se, particularmente, que a derivação do conceito *Infinito Verdadeiro* a partir do conceito intermediário *Infinito Afirmativo* requer a introdução de uma nova microoperação, identificada como a microoperação *determinação do menor ponto-fixo*, aplicada à microrrelação *dever* que constitui o conceito *Infinito Afirmativo*. Já a derivação do conceito *Ser para si*, a partir do conceito *Infinito Verdadeiro*, requer apenas a realização da microoperação *suprassunção*.

1.2 Estrutura do Artigo

¹ Organizada em três livros: *Doutrina do Ser* (HEGEL, 2016), *Doutrina da Essência* (HEGEL, 2017) e *Doutrina do Conceito* (HEGEL, 2018).

² Ver (COSTA, 2021, p. 177-178) para uma consideração adicional à questão do chamado *hegelianês*, o idiossincrático vocabulário lógico hegeliano.

³ Um esforço com intenção similar, mas se valendo de instrumental lógico-matemático contemporâneo muito mais sofisticado – e, portanto, de maior dificuldade de acesso a quem tem apenas formação inicial em lógica contemporânea – pode ser encontrado online em: <https://ncatlab.org/nlab/show/Science+of+Logic>.

⁴ Aqui nos atemos, portanto, apenas à derivação da forma inicial do conceito *Ser-para-si*. Deixamos para um trabalho posterior o exame do desenvolvimento posterior do conceito *Ser-para-si*, desenvolvimento que Hegel apresenta no final dessa seção sobre a *Qualidade*.

O artigo está estruturado do seguinte modo. A Seção 2 apresenta as noções de *microoperação*, *microrrelação* e *macrooperação* e dá exemplos de duas microrrelações (*passagem* e *devir*) e uma microoperação (*suprassunção*), todas cruciais à *Lógica* de Hegel.

A Seção 3 detalha a estrutura e a dinâmica da macrooperação *progressão de etapa* e das *microoperações* e *microrrelações* que a compõem, mostrando o papel que desempenha nela a crítica das *representações* e da *lógica* do entendimento. A derivação do conceito *Finito* a partir do conceito *Algo* é utilizada para exemplificar a aplicação da macrooperação *progressão de etapa*.

A Seção 4 analisa em detalhe, com base na macrooperação *progressão de etapa*, a derivação do conceito *Ser para si* a partir do conceito *Finito*. A microoperação *determinação de menor ponto-fixo* é introduzida nessa seção.

A Seção 5 é a Conclusão.

No restante desta Introdução, caracterizamos preliminarmente, e de modo informal, alguns dos principais conceitos e metaconceitos da *Lógica* de Hegel relevantes para o presente artigo.

1.3 Alguns dos Conceitos e Metaconceitos da *Lógica* de Hegel

- **Metaconceitos**

- *Plano do Pensamento:*

A existência do *plano do pensamento*, isto é, de um *plano ideacional* em que se realiza o *processo de pensamento*, é um pressuposto de toda *lógica* e a *Lógica* de Hegel não é exceção. Em relação a esse plano, distinguimos seu *interior* e seu *exterior*, de modo a podermos caracterizar qualquer elemento mencionado nessa *Lógica* como sendo ou um *elemento interior* ao plano do pensamento ou um *elemento exterior* ao plano do pensamento.

- *Entendimento e Razão:*

Expressamos a distinção que Hegel estabelece, entre *Entendimento* e *Razão*, dizendo que por *Entendimento* deve ser compreendido o sistema de produção de pensamentos que envolvem *representações* (isto é, envolvem determinações sensíveis ou determinações constituídas intuitivamente ou historicamente) ao passo que por *Razão* deve ser compreendido o sistema de produção de pensamentos que não envolvem *representações* (isto é, envolvem apenas determinações fundadas em primeiros princípios).

- *Conceito:*

O termo “conceito” pode ser utilizado de duas maneiras principais, em referência à *Lógica* de Hegel. Por um lado, ele pode ser utilizado para

designar o conceito de *Conceito*, tema próprio da *Doutrina do Conceito*, terceiro livro da *Ciência da Lógica* (HEGEL, 2018). Por outro lado, o termo “conceito” pode ser utilizado, num sentido mais geral, para designar genericamente, não só o *Conceito*, naquele sentido próprio, mas também as *categorias* e as *essencialidades* que são temas do primeiro e do segundo livros da *Ciência da Lógica: a Doutrina do Ser* (HEGEL, 2016) e a *Doutrina da Essência* (HEGEL, 2017), respectivamente. No presente artigo, utilizamos o termo “conceito” nesse segundo sentido, mais geral, ao invés do uso do termo “noção”, de que nos valem principalmente nos artigos coletados em (COSTA, 2019).

- *Conceito em si e Conceito em si e para si*:

Distinguimos entre *Conceito em si* e *Conceito em si e para si* dizendo que um conceito é *em si* quando está determinado, abstratamente, apenas de modo *universal* ao passo que ele está determinado como *em si e para si* quando está determinado, concretamente, tanto de modo *universal* quando de modo *particular*.⁵

- *Lógica, Lógica Objetiva e Lógica Subjetiva*:

A *Lógica* de Hegel é constituída pela totalidade dos conceitos derivas nos três livros da *Ciência da Lógica*. A *Lógica Objetiva*, como Hegel mesmo a qualifica (HEGEL, 2016, p. 64), é constituída pelos conceitos derivados nos dois primeiros livros, a *Doutrina do Ser* e a *Doutrina da Essência*. Os conceitos derivados no terceiro livro, a *Doutrina do Conceito*, constituem a *Lógica Subjetiva*.⁶

- **Conceitos**

- *Ser e Nada*:

Os conceitos *Ser* e *Nada* são os conceitos primitivos da *Lógica Objetiva*, aqueles que não são derivados de nenhum outro. Como tais, por não terem derivação, também não têm definição, apenas uma apresentação informal. O *Ser* é dito *puro*, isto é, sem determinação nenhuma. O mesmo é dito do *Nada*. Nesse sentido, *Ser* e *Nada* são o mesmo: por sua *pureza*, por não ter determinação nenhuma, o *Ser* é *Nada*. O *Nada*, por seu lado, não é *Ser* em sentido estrito, *mas é* (se faz presente) no *pensamento*. Por isso mesmo, é claro que *Ser* e *Nada*, neste outro sentido,

⁵ Hegel escreve sobre o caso particular do conceito *Ser*: “uno es el que se conoce como posibilidad, como capacidad, lo que yo llamo el ser en sí, la potencia, la δύναμις; el otro es el ser para sí, la realidad (actus, ἐνέργεια)” (HEGEL, 1995, p. 26).

⁶ Este artigo, voltado para a derivação do conceito *Ser para si*, restringe-se essencialmente à *Lógica Objetiva*, na parte correspondente à *Doutrina do Ser*.

não são o mesmo. Quer dizer: eles são o mesmo enquanto *ausência de determinação*, mas não são o mesmo no que concerne aos seus *escopos de ocorrência*: o *Ser* pode ocorrer no tanto no *interior* quanto no *exterior* do *plano do pensamento*, ao passo que o *Nada* só pode ocorrer no *interior* do *plano do pensamento*.

– *Devir e devir*;

Como indicado acima, *Ser* e *Nada* são *conceitos*. Já *Devir* e *devir* são *relações* entre conceitos. Conforme a distinção que estabelecemos anteriormente (COSTA, 2021, p. 169), *Devir* é um particular caso de *devir*. Por *devir* entendemos *qualquer* relação entre conceitos que se caracteriza pelo fato de eles serem *o mesmo*, do ponto de vista das suas *determinações*, mas *não serem o mesmo* do ponto de vista dos seus *escopos de ocorrência*. O *Devir* é, então, um caso particular de *devir*: aquele estabelecido entre o *Ser* e o *Nada*.

– *Ser aí*:

O *Ser aí* é a primeira forma concreta com que o *Ser* se apresenta: ele é o *Ser determinado*, isto é, o *Ser* que, para além de sua *universalidade*, adquiriu uma determinação *particular* (seja ela uma *determinação sensível*, seja uma *representação* de caráter intuitivo ou histórico). Assim, por exemplo, tanto os *objetos do cotidiano* quanto as *figuras geométricas* (seja em suas formas fundamentais, seja em suas apresentações visuais) têm o caráter de *Ser aí*. Vale, por isso, que: “O ser aí é (...) a esfera da diferença, do dualismo, o campo da finitude” (HEGEL, 2016, p. 163), a esfera em que se põe os conceitos *Algo*, *Outro* e *Finito*.

– *Algo* e *Outro*:

Um *Algo* é qualquer *Ser aí singular* tomado como uma *singularidade qualificada*, isto é, como uma singularidade para a qual está determinado quais *qualidades* ela possui (sua *Realidade*) e quais ela não possui (sua *Negação*). Como há uma multiplicidade infinita de *singularidades* que têm caráter de *Ser aí* (HEGEL, 2016, p. 35), frente a qualquer *Algo* se põe um *Outro*, aquela multiplicidade de singularidades que não é esse *Algo*. Mas esse *Outro* é ele mesmo um *Algo*, por ter o caráter de, enquanto *uma* multiplicidade, se uma singularidade qualificada. Desse modo, o próprio *Algo* se põe como *Outro* de seu *Outro*. Assim, todo *Algo* e seu *Outro* estão relacionados por um *devir*. Esse *devir*, porém, é *externo* a eles, isto é, é um *devir* que resulta de considerações *externas* aos mesmos, realizadas pelo *sujeito* que os visa.

– *Finito*, *Barreira* e *Dever-ser*:

Um *Finito* é um *Algo* que se mostra presente no *Tempo* e em permanente *tendência de transformação*. Mais precisamente, em qualquer instante,

qualquer *Finito* é constituído por dois *momentos*: uma *Barreira* e por um *Dever-ser*. Em cada instante, a *Barreira* é o momento que *vincula* o *Finito*, que o *amarra*, àquilo que ele *é* naquele instante. O *Dever-ser* é o momento que faz o *Finito tender* a se *transformar*, que o faz *tender* a ser seu *Outro*, a ser aquilo que ele *não é* naquele instante. Todo *Finito* é, por isso, essencialmente *contraditório*: ele *é* um *Algo* que tende a *não ser* o que é.

– *Mau Infinito*:

A ação do *Dever-ser* sobre a *Barreira*, em um *Finito*, tem sempre por resultado um outro *Finito*, devido à *finitude* tanto dessa *Barreira* quanto do próprio *Dever-ser*. Esse novo *Finito*, por sua vez, está amarrado por uma outra *Barreira* e submetido a um outro *Dever-ser*, pois essa é a natureza do *Finito*. Esse processo de geração de um novo *Finito* a partir de um *Finito* que já foi realizado tem por resultado a geração de uma *sequência infinita de finitos*. Essa sequência é denominada *Mau Infinito*, porque é tomada como uma tentativa fracassada do *Finito* de se *completar* em um estágio final.

– *Infinito Verdadeiro*:

O *Infinito Verdadeiro*, ao contrário do *Mau Infinito*, é o infinito que se põe como *completo*, como plenamente efetivado. Ele contempla tanto o *Finito* quanto o *Mau Infinito* como seus momentos, mas os supera com sua *completeza*, que esses momentos não têm em si mesmos. Claramente, o *Infinito Verdadeiro* se dá somente no plano da *objetividade ideal*, isto é, do plano das *objetividades* que são *internas* ao plano do pensamento, ao contrário do *Finito* e do *Mau Infinito*, que podem se realizar também *exteriormente* ao plano do pensamento.

– *Ser-para-si*:

Por definição, o *Finito* é um *Algo*, portanto, todo *Finito* tem um *Outro* que lhe é próprio. Por isso, a sequência de *Finitos* que compõem um *Mau Infinito* mantém um *Outro* para cada um dos *Finitos* de cada uma de suas etapas. E, porque o *Finito* é *Algo*, essa relação entre cada *Finito* e seu *Outro* é uma *relação externa*. O *Ser-para-si*, pelo contrário, é o conceito que resulta de o *Infinito verdadeiro* incluir *em si mesmo* sua relação com seu *Outro*, não mais a tendo, por isso, como uma *relação externa*.⁷

A Figura 1 apresenta informalmente a sequência de *etapas* do processo de desenvolvimento de conceitos que Hegel apresenta em sua *Lógica*, processo que leva do conceito inicial de *Ser* até o conceito de *Ser-para-si*, cuja derivação a

⁷ Um exemplo paradigmático de *Ser-para-si* é a *Consciência* (HEGEL, 2016, p. 164).

partir do *Finito* é o objeto do presente artigo e é examinada detalhadamente na Seção 4.

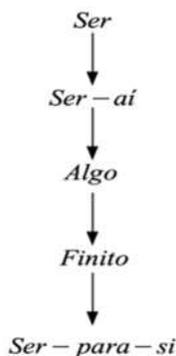


Figura 1: As primeiras etapas do processo de derivação de conceitos da Lógica Objetiva. Fonte: (COSTA, 2021, p. 34).

2. Microoperações, Microrrelações e Macrooperações na *Lógica* de Hegel

Esta seção apresenta os conceitos de *microoperação*, *microrrelação* e *macrooperação*, bem como alguns exemplos deles, tal como esses conceitos foram introduzidos formalmente, em (COSTA, 2021), para sistematizar a análise operatória da *Lógica* de Hegel.

Por *microoperações* e *microrrelações*, entendemos todas aquelas *operações* e *relações* de que Hegel se vale para descrever, em detalhe, o *processo de derivação de conceitos* na *Ciência da Lógica*, e a que Hegel se refere por meio de expressões como as seguintes, onde *X* e *Y* representam conceitos da sua *Lógica*:

- *X passa para Y*
- *X se reflete em Y*
- *X se reflete em si mesmo*
- *X se relaciona consigo*
- *X é um Y em si, mas não nele*
- *X é um Y que é*
- *X regressa a Y*
- *X retorna a Y*
- *X se dissolve em Y*
- etc.

Por *macrooperações*, entendemos operações mais amplas, que derivam *etapas* no processo de desenvolvimento de conceitos.

No resto desta subseção, resumimos o conteúdo principal de (COSTA, 2021). Primeiramente caracterizamos formalmente as duas *microrrelações* e a *microoperação* que a *Lógica* de Hegel utiliza mais extensivamente, no processo desenvolvimento de conceitos: as microrrelações *passagem* e *devir*, e a microoperação *suprassunção*.

Depois, introduzimos a *macrooperação de progressão de etapa*, que apresentamos como uma forma alternativa de descrição das etapas de derivação de conceitos, uma forma mais detalhada e mais precisa do que a macrooperação *triade*, a tradicional sequência de etapas *tese-antítese-síntese*.⁸

2.1 As Microrrelações *passagem* e *devir*

A microrrelação *passagem* é a primeira relação que Hegel apresenta, no primeiro capítulo da *Doutrina do Ser* (HEGEL, 2016, p. 86-112). É a relação pela qual o *Ser passa para o Nada* e pela qual o *Nada passa para o Ser*.

Seguindo o estabelecido em (COSTA, 2019, p. 60), caracterizamos a microrrelação *passagem* da seguinte maneira. Dizemos que há *passagem* entre dois conceitos quaisquer X e Y se e somente se valem as seguintes duas condições:

- o conjunto $\llbracket X \rrbracket$ das *determinações* do conceito X e o conjunto $\llbracket Y \rrbracket$ das *determinações* do conceito Y são *iguais*: $\llbracket X \rrbracket = \llbracket Y \rrbracket$;
- o *sentido* $\langle X \rangle$ do conceito X e o *sentido* $\langle Y \rangle$ do conceito Y são *diferentes*: $\langle X \rangle \neq \langle Y \rangle$.

Claramente, a microrrelação *passagem* é *simétrica*, isto é, X *passa para* Y se e somente se Y *passa para* X .

É o que acontece, por exemplo, com os conceitos *Ser-puro* e *Nada-puro*:

- $\llbracket \text{Ser-puro} \rrbracket = \llbracket \text{Nada-puro} \rrbracket$, porque tanto *Ser-puro* quanto *Nada-puro* são conceitos sem nenhuma determinação;
- $\langle \text{Ser-puro} \rangle \neq \langle \text{Nada-puro} \rangle$, porque *Ser-puro* é um conceito que se põe em tudo o que é, seja no plano do pensamento, seja

⁸ A *triade* é, há bastante tempo, o modelo mais amplamente difundido de *macrooperação*. Claramente, porém, a *triade* é resultado de uma leitura apressada da *Ciência da Lógica* (ver, p.ex., FINDLAY, 1958, p.68), resultado que Hegel rejeita expressamente, chamando essa noção de "lado superficial, exterior do modo de conhecer" (HEGEL, 2018, p. 326). Ver, em (COSTA, 2021, p. 35), uma análise crítica da noção de *triade* e sua comparação com a noção de *macrooperação progressão de etapa*.

exteriormente ao pensamento, ao passo que *Nada-puro* é um conceito que só pode se pôr no plano do pensamento⁹.

Quando se constata essa *passagem simétrica* entre os conceitos *X* e *Y*, diz-se que há um *devir* entre *X* e *Y*, o que denotamos por:

$$X \rightleftarrows Y$$

Há, porém, dois sentidos para o termo “devir”, na *Lógica* de Hegel, como notado em (COSTA, 2019, p. 61). Por um lado, o sentido geral, de *passagem simétrica* entre dois *conceitos quaisquer*, recém mencionado. Por outro lado, há aquela *passagem simétrica* que ocorre especificamente entre os conceitos *Ser puro* e *Nada puro*.

Diferenciamos entre esses dois sentidos, denotando simplesmente por “*devir*” a *passagem simétrica geral*, entre dois conceitos quaisquer, e denotando por “*Devir*” a *passagem simétrica particular*, entre os conceitos *Ser puro* e *Nada puro*.

Vê-se, então, que o *Devir* que se estabelece entre os conceitos *Ser puro* e *Nada puro* é, formalmente, o resultado da validade da microrrelação geral *devir* entre esses dois conceitos. Tem-se, por isso:

$$\textit{Devir} = \textit{Ser-puro} \rightleftarrows \textit{Nada-puro}$$

É esse *Devir*, o *devir* entre *Ser puro* e *Nada puro*, que Hegel diz ser a “*verdade primeira*” da *Lógica* e que constitui o “*fundamento*” e o “*elemento*” de todos os conceitos que se derivam a partir dele (HEGEL, 2016, p. 88).

2.2 A Microoperação *Suprassunção*

É tradicional considerar que a microoperação *suprassunção* seja uma microoperação composta de *três* microoperações mais elementares, comumente identificadas pelos termos *conservação*, *supressão* e *elevação*, embora Hegel, ele mesmo (HEGEL, 2016, p. 111), atribua apenas *dois* sentidos à *suprassunção*, os sentidos de *conservação* e *supressão*¹⁰.

Assim, dado um conceito *X*, denotamos a *suprassunção* de *X* por:

⁹ Posto exteriormente ao plano do pensamento, o *Nada-puro* passaria a ser *algo* e, com isso, deixaria de ser *nada*.

¹⁰ Sobre a possível origem da interpretação que atribui três sentidos à microoperação *suprassunção*, ver nota de rodapé no. 5 em (COSTA, 2021, p. 36).

[X]

considerando que a expressão [X] representa apenas esses *dois primeiros sentidos* da microoperação *suprassunção*, quais sejam, *conservação* e *supressão*:

- X está *conservado* em [X], o que é mostrado por X estar presente em [X];
- X está *suprimido* em [X], o que é mostrado por X estar colocado entre *colchetes* em [X].

Em outras palavras, dizemos, que [X] *conserva* e *suprime* X porque realiza um *encapsulamento* de X: embora X esteja *presente* em [X], ele não está mais *operacional*, fora de [X], porque está *encapsulado* pelos colchetes.¹¹

São essas duas operações elementares, *conservação* e *supressão*, ocorrendo simultaneamente que constituem o significado especial e diferenciado da operação *suprassunção*. Já a operação elementar *elevação*, por seu lado, está presente em todo o processo de derivação de conceitos da *Lógica* de Hegel, porque cada etapa da derivação se conclui com a *elevação* do conceito anterior ao patamar lógico do novo conceito.

Contudo, é preciso reconhecer que, no caso da operação *suprassunção*, a junção dessas três operações elementares tem um peso semântico próprio que é muito significativo, no sistema operatório da *Lógica* de Hegel. Portanto, aqui como em (COSTA, 2021, p. 78-79), nos afastamos de Hegel e aderimos à tradição de considerar a *suprassunção* como estando dotada daqueles três sentidos.

Porém, o terceiro sentido, o da *elevação* do conceito X, não pode ser captado formalmente pelo recurso simples dos *colchetes*, porque a *elevação* é uma operação *dependente de contexto*, isto é, ela é relativa à *etapa* do processo de derivação de conceitos em que o conceito X está presente. Em outros termos, a *elevação* realizada pela operação de *suprassunção* consiste em colocar [X], o resultado inicial da *suprassunção* do conceito X, no interior da *etapa seguinte* à etapa em que o conceito X está presente.

Assim, que um conceito se torne o início de uma *nova etapa* no *processo de derivação de conceitos*, só pode ser mostrado ao se considerar esse conceito no contexto do processo de derivação e, não, pela consideração desse conceito de

¹¹ Um caso muito frequente de *suprassunção* é o caso da *suprassunção* de um *devir*: dado um *devir* $X \leftrightarrow Y$, sua *suprassunção* é denotada por $[X \leftrightarrow Y]$. Desse modo, por exemplo, podemos escrever $Ser\text{-}ai = [Devir] = [Ser\text{-}puro \leftrightarrow Nada\text{-}puro]$ para indicar que o conceito *Ser-ai* resulta do *encapsulamento* do *Devir* (isto é, do *devir* entre os conceitos *Ser-puro* e *Nada-puro*) por meio de uma *suprassunção*.

modo isolado. Mais ainda, o *encapsulamento* decorrente da microoperação de *suprassunção* dá a esse conceito um caráter de *concretude* e o insere no que Hegel denomina *esfera do Ser aí*: a esfera dos conceitos que são postos na *Lógica Objetiva* enquanto resultados de macrooperações de *progressão de etapa*, não pela assunção dos mesmos como *imediatos*, como ocorre com os conceitos *Ser puro* e *Nada puro*, nem pela sua posição de conceitos *intermediários* em progressões de etapa.

Convencionamos que o aspecto de *elevação de conceitos*, que a tradição atribui à microoperação *suprassunção*, seja mostrado por meio de uma *barra horizontal*, separando as duas *etapas* do processo de derivação de conceitos que estejam vinculadas por uma aplicação daquela microoperação, conforme mostrado na subseção a seguir.

2.3 A Macrooperação *Progressão de Etapa*: Esquema Básico

Esta seção faz uso intensivo de material contido na Seção 4 do artigo (COSTA, 2021, p. 37-39), na qual foi introduzido o conceito de macrooperação de *progressão de etapa*.

A forma básica da macrooperação *progressão de etapa* está esquematizada na Figura 2.

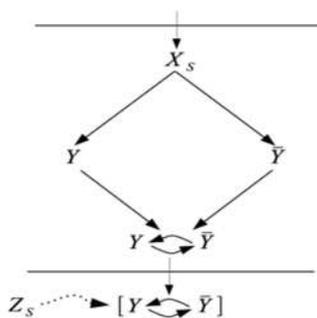


Figura 2: Esquema geral da macrooperação progressão de etapa. Fonte: (COSTA, 2021, p. 38).

Na Figura 2:

- a barra contínua, no início da etapa, indica a *elevação de conceito* realizada pela microoperação *suprassunção* que leva à etapa que está sendo considerada;

- X_S é a *forma simples e imediata* do conceito X , o conceito que vai ser *desenvolvido* nesta etapa, conceito que foi *derivado* na etapa anterior;
- Y e \bar{Y} são determinações derivadas de X_S , de polaridades opostas, sendo Y a determinação positiva e \bar{Y} a determinação negativa;
- $Y \leftrightarrow \bar{Y}$ é o *devir* entre Y e \bar{Y} ;
- a barra contínua, colocada após o *devir* $Y \leftrightarrow \bar{Y}$, representa a *elevação* desse *devir* pela microoperação *suprassunção*;
- $[Y \leftrightarrow \bar{Y}]$ representa o *encapsulamento* do *devir* $Y \leftrightarrow \bar{Y}$ pela microoperação *suprassunção*;
- $Z_S = [Y \leftrightarrow \bar{Y}]$, o resultado da operação *suprassunção*, é a *forma simples e imediata* do conceito Z , o qual é o conceito *derivado* pela etapa em questão e é o conceito que vai ser *desenvolvido* na etapa que se segue.¹²

3. Detalhamento da Macrooperação *Progressão de Etapa*

A questão-chave, relativamente ao desenvolvimento do *conceito principal* de uma etapa, o conceito X no esquema geral da Figura 2, está em que o *conceito inicial* da etapa, o conceito X_S , é apenas uma *forma simples* do *conceito principal*, isto é, o *conceito inicial* de uma etapa é *imediatamente* e *indeterminado*.

Essa *imediatez* e *indeterminação* são, claramente, relativas à etapa que está em questão, isto é:

- o conceito X_S é *imediatamente*, relativamente à etapa, porque não deriva de nenhum conceito que esteja presente nela;
- o conceito X_S é *indeterminado*, relativamente à etapa, porque, sendo resultante de uma *suprassunção* (realizada na etapa anterior), seu conteúdo está encapsulado, sendo, assim, *inacessível* à etapa em questão e, portanto, *inoperante* nela.

A questão que se coloca, então, é: Sendo X_S *indeterminado*, como é possível derivar dele as *determinações* intermediárias Y e \bar{Y} , necessárias à realização da microoperação final da etapa, a operação *suprassunção*?

A resposta é, claramente, negativa: não há como fazer essa derivação! Não no nível dos conceitos lógicos da *Razão*, em que o processo de derivação de conceitos se realiza desde o início, a partir do conceito *Ser*.

¹² Em (ORSINI, 2021, p. 12), o termo *macrocategoria* é utilizado para designar os conceitos inicial e terminal de cada uma dessas etapas, aqui representados por X_S e Z_S , respectivamente.

É nesse ponto, então, que intervém o *método de execução* do *primeiro momento* da macrooperação *progressão de etapa*, método que Hegel faz valer desde o início da *Lógica*. De acordo com esse método, essa macrooperação é dividida em três momentos:

- o *primeiro momento*, que abrange o desenvolvimento do conceito inicial X_S até as determinações Y e \bar{Y} ;
- o *segundo momento*, que abrange a determinação da microrrelação *devir* entre Y e \bar{Y} , resultando em $Y \leftrightarrow \bar{Y}$;
- o *terceiro momento*, que corresponde à aplicação da microoperação *suprassunção* ao *devir*, resultando no conceito inicial Z_S da próxima etapa.

A dificuldade que a *indeterminação* do conceito inicial X_S traz à derivação das determinações intermediárias Y e \bar{Y} se coloca, então, relativamente à execução do *primeiro momento* da macrooperação *progressão de etapa*.

O *método de execução* do *primeiro momento* da macrooperação *progressão de etapa* resolve essa dificuldade com um procedimento muito específico:

- Hegel faz o *processo de derivação de conceitos* operar, nesse ponto, em *dois planos*:
 - o plano dos *conceitos lógicos*, situados ao *nível da Razão*, que é o plano principal em que se desenvolve o processo de derivação de conceitos;
 - um plano auxiliar, o plano das *representações* do *Entendimento*, em que os conceitos lógicos da razão recebem do *Entendimento*, com o auxílio da *intuição*, determinações *isoladas, unilaterais*;
- o procedimento de execução do *primeiro momento* de cada etapa pode, então, *deslocar-se* do *plano dos conceitos lógicos*, situado ao nível da *Razão*, para o plano das *representações* do *Entendimento*, por meio de uma *projeção* do conceito X neste último plano;
- com essa *projeção* no plano das *representações* do *Entendimento*, o conceito X , que no *plano dos conceitos lógicos* está *indeterminado* relativamente à etapa, na forma simples X_S , pode ser *determinado pelo Entendimento*, isto é, receber deste determinações que, mesmo sendo *unilaterais e isoladas*, são suficientes para que a *Razão* as *analise*, buscando determinações lógicas *subjacentes* a elas, que

sejam de *polaridades opostas*, mas *inseparáveis*, e por isso compatíveis com o *plano dos conceitos lógicos*;

- uma vez alcançadas essas *determinações opostas e inseparáveis* do conceito X , as determinações indicadas por Y e \bar{Y} no esquema da macrooperação *progressão de etapa*, o *processo de desenvolvimento de conceitos* pode *retornar* ao plano dos *conceitos lógicos*, ao plano da *Razão*, e aquelas determinações podem ser incorporadas a este plano, permitindo que a microoperação *suprassunção* possa ser, então, aplicada sobre elas.

A Figura 3 apresenta uma reelaboração do esquema geral da macrooperação *progressão de etapa*, acrescentando esse *deslocamento* do *processo de derivação de conceitos* para o nível do *Entendimento*, representado pelo retângulo à direita. As setas tracejadas indicam o *primeiro momento* da etapa, isto é, a parte do desenvolvimento que foi substituída pela *análise lógica* da projeção do conceito X_S sobre o plano das *representações* do entendimento.¹³

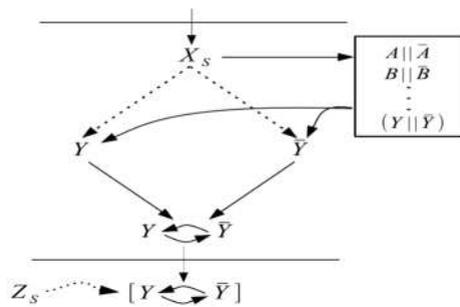


Figura 3: Esquema mais detalhado da macrooperação progressão de etapa. Fonte: (COSTA, 2021, p. 46).

Na Figura 3:

- as expressões $A || \bar{A}$, $B || \bar{B}$, etc., denotam as *representações* do conceito X , no plano das *representações* do entendimento, que a *Razão* vai evidenciando, a partir das *representações iniciais* A e \bar{A} que o *Entendimento* atribui a ele;

¹³ Esse recurso à análise das *representações* de conceitos lógicos projetados no plano do *Entendimento*, que pudemos constatar diretamente no texto hegeliano (COSTA, 2021, p. 193-195), já tinha sido constatado anteriormente por, p.ex., Burbidge (1993, p. 91-92).

- a barra dupla “||”, nessas expressões, indica que as determinações A e \bar{A} , B e \bar{B} , etc., são *unilaterais e separadas*;
- a última expressão, dentro do retângulo que denota o plano das *representações* do entendimento, tem a forma “ $(Y \parallel \bar{Y})$ ” para indicar um *par* de determinações que não são mais *separadas*, mas sim *inseparáveis* e que, por isso, podem ser levadas ao plano dos *conceitos lógicos*, no nível da razão.

A Figura 4 sumaria o *método de execução* do *primeiro momento* das progressões de etapa¹⁴.

1. O método começa com uma projeção do conceito inicial da etapa sobre o plano das representações do entendimento.
2. Com o conceito inicial projetado nesse plano, o método recolhe o par de determinações que o entendimento – com o apoio da intuição – atribui a tal conceito.
3. O método prescreve, então, a análise lógica dessas determinações, desenvolvendo novos pares de determinações, até derivar um par de determinações que, por sua natureza, pertençam legitimamente ao plano dos conceitos lógicos.
4. Nesse ponto, o método prescreve o retorno desse par de conceitos ao plano dos conceitos lógicos, onde tal par de conceitos vai – no segundo momento da etapa – ser examinado relativamente à existência de um devir entre eles.

Figura 4: O método de execução do primeiro momento das progressões de etapa.

Como ilustração do uso da macrooperação *progressão de etapa*¹⁵, a Figura 5 esquematiza a etapa que desenvolve o conceito $Algo_5$ até o conceito $Finitos$ – ver (HEGEL, 2016, p. 121-141).

¹⁴ Note-se, porém, que não indicamos, nesse sumário do método, o núcleo do mesmo, isto é, o modo como procede a análise lógica das representações do conceito projetado. Uma apresentação de tal procedimento deve ficar para trabalho futuro.

¹⁵ Os detalhes desse desenvolvimento estão apresentados em (HEGEL, 2016, p.121-138). Eles foram analisados formalmente em (COSTA, 2021), onde também se discutiu o problema do início da Lógica, mas colocado nos termos do presente trabalho, isto é, o problema da etapa inicial da Lógica.

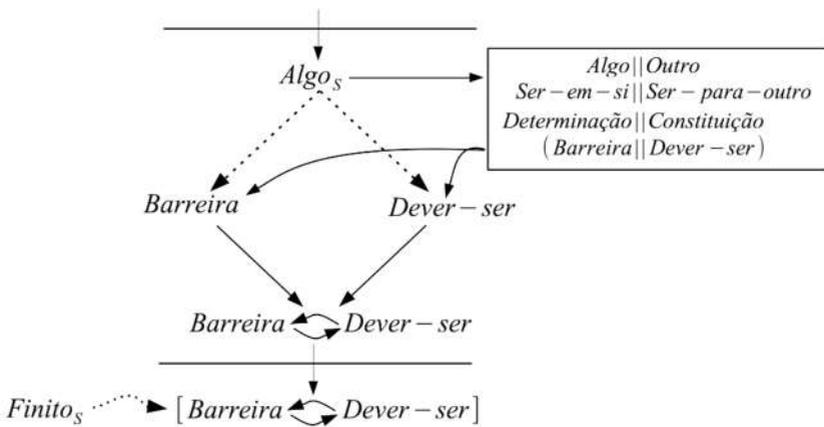


Figura 5: O esquema de progressão da etapa $Algo_S \rightarrow Finito_S$.

4. A Derivação do Conceito *Ser-para-si_S*

Esta seção desenvolve o tema principal deste artigo, a derivação do conceito *Ser-para-si_S* a partir do conceito *Finito_S*, o qual, conforme indicado na Seção 3, é definido por:

$$Finito_S = [Barreira \leftrightarrow Dever-ser]$$

A Figura 6 mostra o esquema de progressão dessa etapa: $Finito_S \rightarrow Ser-para-si_S$ – ver (HEGEL, 2016, p. 141-156), ver também (HEGEL, 2016, p. 163-165). Mais precisamente, no restante desta seção fazemos uso dos seguintes trechos da *Doutrina do Ser*:

- a seção *A Infinitude* do capítulo *Ser aí*, seção situada em (HEGEL, 2016, p. 142-156);
- o texto imediatamente anterior a essa seção, intitulado *Passagem do Finito para o Infinito* e situado em (HEGEL, 2016, p. 141-142);
- o texto introdutório do capítulo *Ser Para Si*, situado em (HEGEL, 2016, p. 163-165).

Note-se que, na Fig. 6, a *seta pontuada* “ \dashrightarrow ” indica a microoperação de *determinação do menor ponto-fixo*, introduzida na Seção 4.4.3. Por outro lado, note-se que as duas formas finais do conceito de *Infinito*, o *Infinito Afirmativo* e o *Infinito Verdadeiro*, estão ausentes na Fig. 1, mostrada acima. É que, como se vê na presente seção, os conceitos *Infinito Afirmativo* e *Infinito Verdadeiro* são essencialmente relações do tipo *dever*, mas aquela sequência não mostra essas relações, que são internas às macrooperações de *progressão de etapas*: a sequência só mostra as macrocategorias que são início e fim dessas macrooperações.

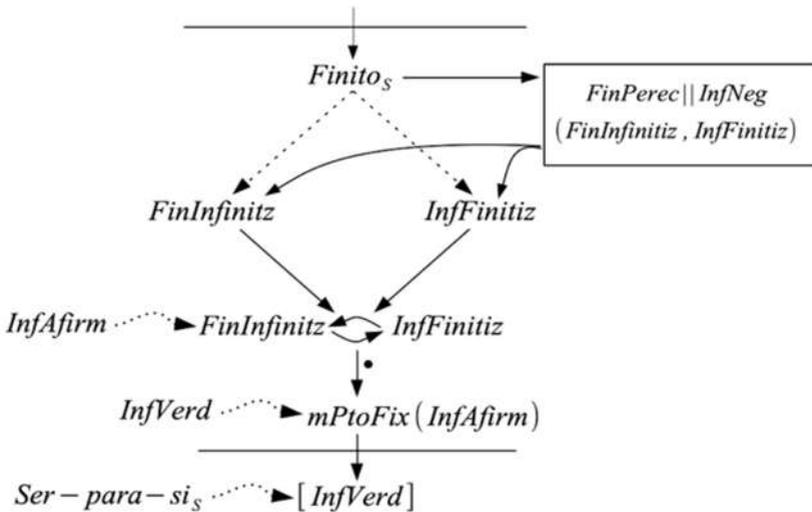


Figura 6: Esquema preliminar de progressão da etapa $Finito_s \rightarrow Ser\text{-}para\text{-}si_s$.

A seguir, analisamos o conteúdo do esquema mostrado na Fig. 6.

4.1 Análise Preliminar da Derivação do Conceito $Ser\text{-}para\text{-}si_s$

Hegel inicia o exame da etapa $Finito_s \rightarrow Ser\text{-}para\text{-}si_s$ seguindo o *método* de desenvolvimento do *primeiro momento* das etapas de progressão, isto é, projetando o conceito simples $Finito_s$ sobre o plano das *representações* do *Entendimento* e analisando logicamente as *representações* que o *Entendimento* atribui a esse conceito.

Hegel encontra, atribuído ao conceito simples *Finito_S* pelo *Entendimento*, um *par de representações* unilaterais e de polaridades opostas constituído por:

- uma representação *positiva* de *Finito_S*, na forma da representação de um *finito que perece*;
- uma representação *negativa* de *Finito_S*, constituída pela representação de um *infinito* que Hegel denomina *Infinito Negativo*.

Hegel determina, então, que esse *primeiro par* de representações não é compatível com o *plano dos conceitos lógicos*. Analisa-o logicamente, também, e encontra, em consequência, um *segundo par* de representações de polaridade opostas:

- uma representação positiva de *Finito_S*, na forma de um finito que Hegel denomina *Finito Infinitizado*;
- uma representação negativa de *Finito_S*, na forma da totalidade do desenvolvimento do *Finito Infinitizado*, que Hegel denomina *Infinito Finitizado*.

Hegel determina, então, que esse par de *conceitos de polaridades opostas* não é um par de conceitos unilaterais e separados, mas sim um par de *conceitos inseparáveis*.

O processo de derivação de conceitos pode, em consequência, retornar esse par de conceitos ao plano dos *conceitos lógicos*, o plano da *Razão*, e fazer prosseguir o processo de derivação nesse plano.

O segundo momento da etapa pode, com isso, se realizar: o estabelecimento do *dever* dos dois conceitos, *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado*, constituindo o *Infinito Afirmativo*.

O terceiro momento da progressão da etapa, a microoperação de *suprassunção*, precisa ser postergado neste caso, pois o que é requerido agora é, antes, o estabelecimento do *menor ponto fixo* do *dever* constituinte do *Infinito Afirmativo*, menor ponto-fixa que fazemos corresponder ao que Hegel denomina *Infinito Verdadeiro*.

Só então o terceiro momento da etapa pode ser realizado, a *suprassunção* do *Infinito Verdadeiro*, derivando finalmente o conceito *Ser-para-si_S*.

Nas próximas subseções, examinamos formalmente os detalhes da execução desse desenvolvimento, momento por momento, conforme Hegel os realiza.

4.2 O Primeiro Momento da Etapa: A Análise Lógica da Projeção do Conceito *Finito_S* sobre o Plano do Entendimento

4.2.1 O Primeiro Par de Representações: O *Finito que Perece* e o *Infinito Negativo*

A *primeira* análise lógica que Hegel faz da representação intuitiva do conceito *Finito_S* resulta na determinação de que esse finito *perece*:

O dever ser [momento constitutivo do *Finito_S*] contém, por si a barreira [*idem*] e a barreira, o dever ser. Sua relação um para com o outro é o próprio finito que contém ambos no seu ser dentro de si. Estes momentos de sua determinação estão contrapostos qualitativamente (...). O finito é, assim, a contradição dentro de si; ele se suprassume e perece. (HEGEL, 2016, p. 141)

A essa representação do *finito* como *Finito Perecedor*, se acrescenta, como vimos, uma caracterização do *Finito_S* como *Infinito Negativo*, como sendo apenas o *outro* do *Finito Perecedor*.

O infinito é (...) na determinação simples, o afirmativo como negação do finito. (HEGEL, 2016, p. 142)

Representamos o resultado dessa análise na Figura 7. O traço duplo indica a *unilateralidade* e a *separação* desses dois conceitos.

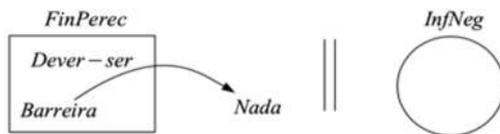


Figura 7: O *Finito_S* visto como o par de representações unilaterais *Finito Perecedor* e *Infinito Negativo*.

4.2.2 O Segundo Par de Representações: O *Finito Infinitizado* e o *Infinito Finitizado*

A seguir, mas ainda no plano das *representações* do *Entendimento*, Hegel analisa o *Finito_S* como finito *persistente*:

Mas (...) no perecer, o finito não pereceu; ele se tornou, inicialmente, apenas um outro finito, que, contudo, é igualmente o perecer como passar para um outro finito e assim por diante, por assim dizer, *para o infinito*. (HEGEL, 2016, p. 141)

Esse finito persistente, que Hegel vai denominar depois *Finito Infinitizado* (HEGEL, 2016, p. 150), está representado na Figura 8.

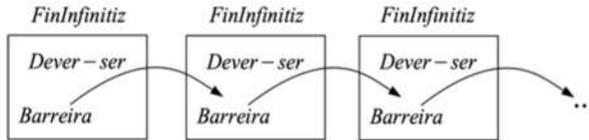


Figura 8: O *Finito*_s representado como *Finito Infinitizado*.

A consideração da totalidade dessa sequência de realizações do *Finito Infinitizado*, de suas replicações, leva Hegel a introduzir a noção de *infinitude*. Mas:

(...) o principal é diferenciar o conceito verdadeiro da infinitude da má infinitude, a infinitude da razão da infinitude do entendimento (HEGEL, 2016, p. 142)

A *infinitude do Entendimento* é a totalidade da sequência de realizações do *Finito Infinitizado*, caracterizada como “o infinito que deve ser mantido puro e afastado do finito” (HEGEL, 2016, p. 142). A totalidade dessa sequência, essa *infinitude do Entendimento*, é denominada *Infinito Finitizado*, por Hegel (HEGEL, 2016, p. 150), e está ilustrada na Figura 9.

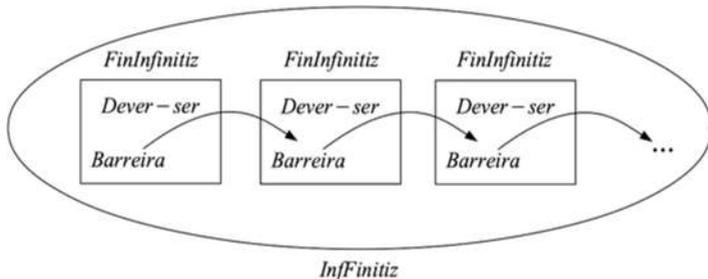


Figura 10: A *Finito Infinitizado* e o *Infinito Finitizado*, unilaterais e separados um do outro, o segundo considerado como a totalidade da sequência de realizações do primeiro.

O próximo passo é derivar a *infinitude da Razão*, o *Infinito Verdadeiro*. Porém, antes de realizá-lo, Hegel reavalia as noções de *Dever-ser* e *Barreira*, determinando um *segundo sentido* para elas, com base na noção de *Limite*, subjacente a ambas, e correlacionando essa noção de *Limite* com o *passar* entre *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado*:

O processo do passar deles tem a seguinte figura pormenorizada. Vai-se além do finito [Finito Infinitizado] para o infinito [Infinito Finitizado]. Nesse vazio [o Infinito Finitizado] que está além do finito [Finito Infinitizado], o que surge? O que é positivo nisso? (...) o limite surge; o infinito [Infinito Finitizado] desapareceu, seu outro, o finito [Finito Infinitizado], entrou [novamente]. Está presente, com isso, a recaída na determinação anterior [o Finito Infinitizado], supressumida em vão [pelo ir além do finito, com que se iniciou]. (HEGEL, 2016, p. 146)

Porém, esse novo limite [o Finito Infinitizado] é, ele mesmo, apenas um tal que é preciso supressumir ou ir além dele. Com isso, surgiu de novo o vazio, o nada, no qual igualmente aquela determinidade, um novo limite [o Infinito Finitizado], é encontrada – e, assim por diante, para o infinito. (HEGEL, 2016, p. 146-147)

Na Figura 11, a seta tracejada *ascendente* indica que o *Finito Infinitizado*, a partir de sua *Barreira* e com base no *Dever-ser* que lhe é próprio, inicia o movimento de *passar* para o *Infinito Finitizado*. A seta tracejada *descendente* indica que o *Infinito Finitizado* opera como *Limite* para esse *passar*, impedindo-o, o que leva o *Infinito Finitizado* a *passar de volta* para *Finito Infinitizado*, com sua *Barreira* e *Dever-ser*, e assim sucessivamente.

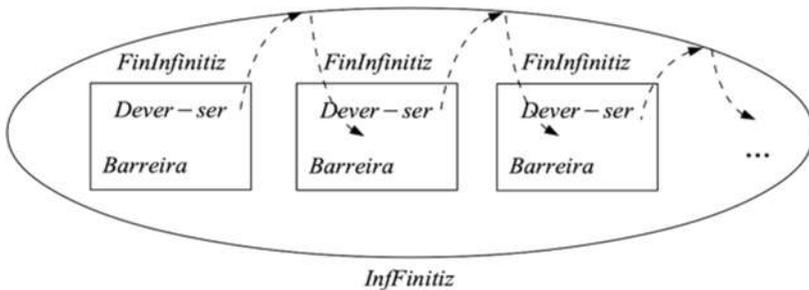


Figura 11: A repetição da passagem simétrica entre os conceitos de *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado*.

Hegel denomina “*determinação recíproca do finito e do infinito*” esse passar recíproco persistente entre os conceitos de *Finito Infinitizado* e o *Infinito Finitizado*:

Está presente a determinação recíproca do finito e do infinito; o finito é apenas na relação com o dever ser ou com o infinito e o infinito é infinito apenas em relação com o finito. Eles são inseparáveis e, ao mesmo tempo, pura e simplesmente outros um frente ao outro; cada um tem o outro de si nele mesmo; assim cada um é a unidade de si e de seu outro e é ser aí na sua determinidade de não ser o que é ele mesmo e o que é seu outro. (HEGEL, 2016, p. 143)

Hegel estabelece, assim, que esse par de conceitos de polaridades opostas, *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado*, é um par de *conceitos inseparáveis* e podem ser retornados ao plano da *Razão*, ao plano dos *conceitos lógicos*, para dar lugar ao *segundo momento* da etapa.

4.3 O Segundo Momento da Etapa: O *Devir* entre o *Finito Infinitizado* e o *Infinito Finitizado*

O segundo momento da etapa inicia com o reconhecimento de que, no *plano dos conceitos lógicos* da *Razão*, a esse alternar de *uma e mesma passagem simétrica* entre os conceitos *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado* corresponde, na verdade, uma *unidade*: o *devir* entre esses conceitos.

O entendimento insiste em rejeitar a unidade do finito e do infinito (...); com isso, ele ignora a negação de ambos que está presente, de fato, no progresso infinito, como ignora, do mesmo modo, que eles nisso [no progresso infinito] ocorrem apenas como momentos de um todo [o *devir* entre eles]. (HEGEL, 2016, p. 153)

A Figura 12 esquematiza o *devir* entre os conceitos *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado*, resultado final da análise que iniciou pela consideração das representações do *finito* e do *infinito* no *plano do Entendimento*.

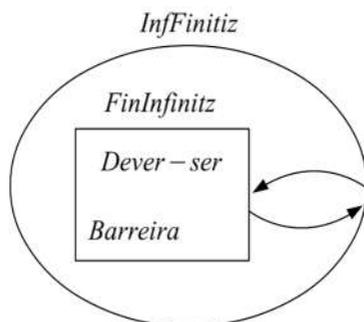


Figura 12: O devir entre os conceitos *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado*.

Hegel estabelece, então, esse *devir* entre *Finito Infinitizado* e o *Infinito Finitizado* como o *Infinito Afirmativo*:

Isso dá, pois, a unidade (...) do finito e do infinito, a unidade mesma que é o infinito [o Infinito Afirmativo], o qual dentro de si compreende a si mesmo [como Infinito Finitizado] e a finitude [como Finito Infinitizado], – logo, o infinito em um outro sentido do que aquele segundo o qual o finito está separado dele e está posto do outro lado. (HEGEL, 2016, p. 149)

a unidade do finito e do infinito [o Infinito Afirmativo] não é um ajustar externo dos mesmos nem uma ligação inapropriada que contraria a determinação deles (...) mas cada um é, nele mesmo, essa unidade e isso apenas como suprassumir de si mesmo, em que nenhum teria o privilégio do ser em si e do ser aí afirmativo sobre o outro [portanto, em que cada um é apenas momento do Infinito Afirmativo]. (HEGEL, 2016, p. 151)

o infinito [Infinito Afirmativo] é, antes, como ambos os seus momentos, essencialmente apenas como devir (...); (HEGEL, 2016, p. 154)

agora, como infinito [Infinito Afirmativo], ele tem por suas determinações o finito e o infinito [Finito Infinitizado e Infinito Finitizado], eles mesmos como tais que devém (HEGEL, 2016, p. 154)

Denotamos o conceito de *Infinito Afirmativo* por:

$$InfAfirm = FinInfinitiz \rightleftharpoons InfFinitiz$$

o que consolida o segundo momento da etapa.

O terceiro momento da etapa é analisado a seguir. Por conveniência, repetimos o conteúdo da Fig. 6 na Fig. 13.

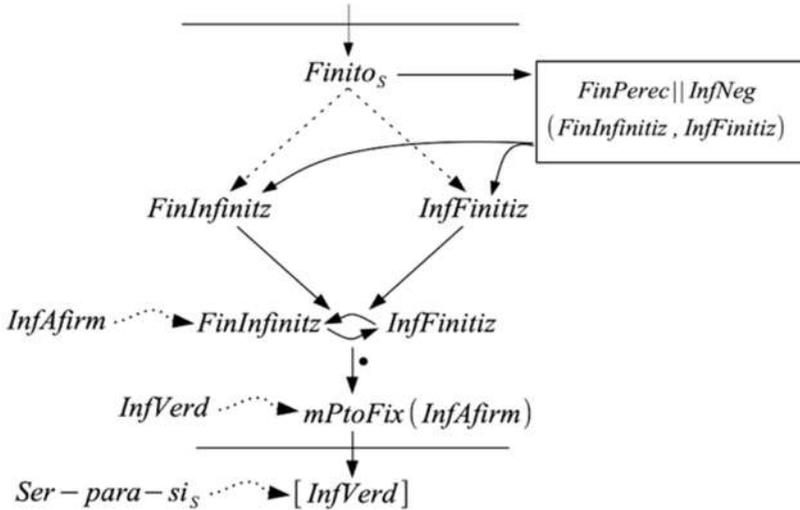


Figura 13: Esquema preliminar de progressão da etapa $Finito_s \rightarrow Ser-para-si_s$.

4.4 O Terceiro Momento da Etapa: O Alcançar do Conceito *Ser Para Si*

Como mostrado na Seção 3, o esquema da macrooperação *progressão de etapa* estabelece que, em geral, o *terceiro momento* da etapa se realiza por meio da realização de uma microoperação *suprassunção* do *dever* estabelecido entre as duas determinações contrapostas do *conceito principal* da etapa.

No presente caso, o *conceito principal* é o conceito de *Finito*, as duas determinações contrapostas são os conceitos de *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado* e o *dever* entre eles é o *Infinito Afirmativo*, como mostrado na Figura 13. Neste caso, porém, o *terceiro momento* da macrooperação *progressão de etapa*, que alcança o conceito *Ser para si*, não se realiza conforme o esquema geral: ele não se resume a uma mera aplicação da microoperação *suprassunção*.

4.4.1 Porque o Terceiro Momento da Etapa não é Somente uma Suprassunção

Pode-se entender facilmente por que esse *terceiro momento*, realizando o conceito *Infinito Verdadeiro* e alcançando a partir dele o conceito *Ser para si, não pode ocorrer apenas por meio da microoperação suprassunção*:

- se a *suprassunção* encapsulasse diretamente o *Infinito Afirmativo*, isto é, o *dever* entre os conceitos *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado*, ela faria com que esses dois conceitos se tornassem *momentos* do conceito que ela deriva, o conceito de *Infinito Verdadeiro*;
- ora, os *momentos* de um conceito são seus *componentes constituintes* e não é possível que o *Infinito Verdadeiro* seja composto por *momentos finitos*, como o seria se ele derivasse diretamente do *dever* entre os conceitos *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado* por mera *suprassunção*;
- no melhor caso, os conceitos *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado* podem se constituir como *momentos idealizados* do *Infinito Verdadeiro*, como Hegel mostra em na *Ciência da Lógica* (HEGEL, 2018, p. 160-162) e na *Lógica* da Enciclopédia (HEGEL, 2012, §95, p. 193).

Como a microoperação *suprassunção* não pode ser dispensada, porque é por ela que, na *Doutrina do Ser*,⁹ o processo de derivação de conceitos avança de uma macroetapa para outra, um *passo anterior* à aplicação da *suprassunção* se faz necessário. Aqui, propomos que esse passo é melhor concebido como sendo realizado por uma microoperação que denominamos microoperação de *determinação de menor ponto-fixo*, a qual é aplicada à microrrelação *dever* que constitui o conceito *Infinito Afirmativo*.

No que segue:

- primeiramente, consideramos a insuficiência do modo como Hegel elabora a derivação do conceito *Infinito Afirmativo*;
- a seguir, num Excurso, apresentamos formalmente o conceito geral de *menor ponto-fixo* de uma operação e o vinculamos à determinação da menor solução de *equações de recorrência*;
- depois, mostramos o conceito de *Infinito Verdadeiro* como o *menor ponto-fixo* do *dever* que constitui o *Infinito Afirmativo*;

- então, mostramos o pôr do conceito *Ser para si* como realizado pela *suprassunção* desse *menor ponto-fixo* que constitui o *Infinito Verdadeiro*.

4.4.2 A Insuficiência da Derivação Hegeliana do Conceito *Infinito Verdadeiro*

A derivação do conceito *Infinito Verdadeiro* se resume essencialmente, no corpo principal do texto da *Doutrina do Ser*, ao seguinte trecho:

A imagem do progresso para o infinito [o devir entre o Finito Infinitizado e o Infinito Finitizado] é a *linha reta*; (...) como infinitude verdadeira, recurvada dentro de si, sua imagem [a imagem do progresso para o infinito] se torna o círculo, a linha que atingiu a si, que está concluída e inteiramente presente, sem *ponto de início* e *sem fim*. (HEGEL, 2016, p. 154)

Isto é, o esclarecimento mais explícito que Hegel fornece do *Infinito Verdadeiro* no corpo principal da *Doutrina do Ser*, se resume a que ele é a negação da *finitude* que constitui ambos os conceitos, *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado* (conforme mostramos anteriormente) e que, como afirmado no trecho transcrito acima, o *Infinito Verdadeiro*:

- é *recurvado* dentro de si;
- tem a imagem de um *círculo*;
- está inteiramente *concluído*¹⁶.

Uma complementação dessa caracterização do conceito *Infinito Verdadeiro* pode ser encontrada (HEGEL, 2016, p. 156-160), numa *Observação*, isto é, num trecho que está colocado fora do texto principal da *Doutrina do Ser*. Nessa observação, Hegel caracteriza o que ele denomina *contradição permanente*, isto é, uma contradição que, como a relação entre o *Finito Infinitizado* e o *Infinito Finitizado*, se dá por meio daquele *alternar* entre afirmação da *unidade* e a afirmação da *separação* dos seus termos, em que a afirmação da *unidade* dos termos remete permanentemente à afirmação da *separação* e a afirmação da *separação* remete permanentemente à afirmação da *unidade* deles.

¹⁶ Apesar de ainda pouco amadurecido e transparente, esse esclarecimento é claramente mais consolidado do que aquele que Hegel apresenta na *Lógica da Enciclopédia*, mesmo na edição de 1830 – ver §93-95 (HEGEL, 2012, 189-193).

Hegel estabelece, então, que a *superação* – ou *dissolução* – desse tipo de contradição só pode ser feita pela posição de uma *idealidade*, que se põe como *idealidade* porque, para ela, os termos da contradição se constituem como *momentos ideais*:

A dissolução dessa contradição [permanente] não é o reconhecimento da igual exatidão e da igual inexactidão de ambas as afirmações – isso é apenas uma outra figura da contradição permanente –, mas a idealidade de ambas, como aquela da qual elas são na sua diferença, como negações recíprocas, apenas *momentos*; (HEGEL, 2016, p. 157)

Portanto, nesse ser como na idealidade dos diferentes, a contradição não desapareceu abstratamente, mas está dissolvida e reconciliada e os pensamentos [as duas afirmações] não são somente completos, mas estão também *juntados*. (HEGEL, 2016, p. 157)

Abaixo, na subsecção 4.4.3, tomamos tal esclarecimento complementar do conceito de *Infinito Verdadeiro* como base para a consideração da sua *idealidade*, constituída operatorialmente como o *menor ponto-fixo* da microrrelação *dever* que constitui ao *Infinito Afirmativo*.

Excurso: O Menor Ponto-Fixo de uma Operação

O conceito geral de *ponto-fixo* de uma operação é um conceito corrente da matemática¹⁷. Define-se um *ponto-fixo* de uma operação f como sendo um valor x de seu argumento para o qual o resultado da operação é o próprio valor x . Isto é, um valor x tal que $f(x) = x$.

Uma operação pode ter:

- *nenhum* ponto-fixo;
- *exatamente um* ponto-fixo;
- *mais de um* ponto-fixo.

Para as operações que têm *mais de um ponto-fixo*, e são operações tais que os *valores* de seus argumentos estão submetidos a uma *relação de ordem*, é possível que um desses pontos-fixos seja o *menor* entre eles. Para as operações que têm *exatamente um ponto-fixo*, este é – evidentemente – seu *menor* ponto fixo.

¹⁷ Ver, p.ex., [https://en.wikipedia.org/wiki/Fixed_point_\(mathematics\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Fixed_point_(mathematics)).

No presente trabalho, a noção de *ponto-fixo* que utilizamos não diz respeito a operações, como é no seu sentido usual, mas sim a *relações* – mais especificamente, à microrrelação *devir*.

Adotamos aqui, então, a extensão trivial do conceito de ponto-fixo a uma relação: dada uma relação qualquer $R \subseteq A \times A$, um ponto-fixo de R , quando existir, é um elemento $x \in A$ tal que xRx .

Como no caso dos pontos-fixos de operações, uma relação $R \subseteq A \times A$ pode ter *nenhum, exatamente um ou mais de um* pontos-fixos.

Neste artigo, denotamos o *menor ponto-fixo* de uma relação R por $mPtoFix(R)$, quando ele existir. Portanto, dada uma relação $R \subseteq A \times A$, onde o conjunto A é ordenado pela relação \leq , vale:

$$x = mPtoFix(R) \text{ se e somente se } xRx \text{ e para todo } y \text{ tal que } yRy \text{ vale } x \leq y$$

4.4.3 O Infinito Verdadeiro

A chave para a concepção do *Infinito Verdadeiro* como *menor ponto-fixo* do *devir* que constitui o *Infinito Afirmativo* está na compreensão do *Infinito Verdadeiro* como o único conceito no qual aquele *devir* se constitui como *autodevir*. Quer dizer, a determinação do *devir* constituinte do conceito *Infinito Afirmativo* como um *devir* entre os conceitos *Finito Infinitizado* e *Infinito Finitizado* é uma visão exterior, idealizada ao nível do *Entendimento*, do único *autodevir* propriamente posto, o *autodevir do Infinito Verdadeiro*, que denotamos por:

$$InfVerd \curvearrowright InfVerd$$

e que pode ser apresentado como:

$$InfVerd = mPtoFix(\curvearrowright)$$

sendo \curvearrowright é a microrrelação *devir* constituinte do *Infinito Afirmativo*.

Por conveniência, escrevemos também:

$$InfVerd = mPtoFix(InfAfirm)$$

como já o fizemos nas Figuras 6 e 13.

É esse *autodevir* do *Infinito Verdadeiro* que se caracteriza por ser:

- *recurvado* dentro de si;

- tendo a imagem de um *círculo*;
- estando inteiramente *concluído*;

tal como Hegel o estabeleceu informalmente.

4.4.4 O Pôr do Conceito *Ser Para Si* pela Suprassunção do *Infinito Verdadeiro*

O terceiro momento da etapa $Finito_S \rightarrow Ser\text{-}para\text{-}si_S$ é concluído então, simplesmente, pela *suprassunção* do conceito *Infinito Verdadeiro*, resultando no conceito $Ser\text{-}para\text{-}si_S$, dado por:

$$Ser\text{-}para\text{-}si_S = [InfVerd] = [mPtoFix(InfAfirm)]$$

o que dá, para o conceito $Ser\text{-}para\text{-}si_S$, a dupla caracterização de uma *idealidade*, por sua origem na microoperação de *menor ponto-fixo*, e de um *Ser aí*, por sua forma final, dada pela microoperação de *suprassunção*.

Com o *Ser para si*, portanto, o desenvolvimento da *Lógica* de Hegel sai da esfera do *Ser aí*, da esfera dos conceitos *finitos* e *duais*, próprios do plano do *Entendimento*, e entra na esfera dos conceitos *infinitos* e *ideais*, próprios do plano da *Razão*.

5. Conclusão

No presente artigo, analisamos formalmente o modo como Hegel deriva, na *Ciência da Lógica*, o conceito *Ser para si* a partir do conceito *Finito*. Mostramos que um passo crucial dessa derivação, a parte que cobre o desenvolvimento do conceito *Infinito Afirmativo* até o conceito *Ser para si*, não pode ser realizada apenas por meio da microoperação de *suprassunção*, mas implica a intervenção de uma microoperação – a microoperação de *determinação do menor ponto-fixo* de uma relação – que não está explicitada na descrição hegeliana daquele desenvolvimento.

O artigo reviu os conceitos hegelianos mais importantes para a apresentação formal da análise realizada, de modo a constituir um texto minimamente autocontido. Os principais elementos do formalismo utilizado foram apresentados e definidos. Uma explicação informal dos principais resultados obtidos com eles foi fornecida.

O artigo limitou-se, contudo, a mostrar a derivação da *forma simples* do conceito *Ser para si*, sem tratar o desenvolvimento posterior da mesma, desenvolvimento que se dá em continuação a esse processo de derivação. Tal

desenvolvimento, que tem como um dos seus aspectos mais importantes a constituição da dialética do *Uno* e do *Múltiplo*, deverá ser objeto de trabalho futuro.

Referências

- BURBIDGE, J. “Hegel’s Conception of Logic”. In: BEISER, F. (ed.). *The Cambridge Companion to Hegel*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 86-101.
- COSTA, A. C. R. *Para uma Leitura Operatória da Lógica de Hegel – Experimentos Iniciais*. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- _____. “A Macrooperação de Progressão de Etapa e sua Atuação no Início do Processo de Derivação de Conceitos, na Ciência da Lógica de Hegel”. In: BAVARESCO, A. et al. (Orgs.) *Do Início à Finitude do Ser: Interfaces Lógicas Hegelianas*. Porto Alegre: Editora Fênix, 2021, p. 31-55.
- _____. *Para uma Leitura Operatória da Lógica de Hegel – Experimentos Adicionais*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.
- FINDLAY, J. N. *Hegel: A Re-examination*. London: George Allen & Unwin, 1958.
- HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre la Historia de la Filosofía I*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 26.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio I – A Ciência da Lógica*. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____. *Ciência da Lógica – Doutrina do Ser*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- _____. *Ciência da Lógica – Doutrina do Conceito*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- ORSINI, F. *Terceiro capítulo: o ser para si*. Porto Alegre: PPGFIL-PUCRS, 2021. (Material para leitura na disciplina sobre a Lógica de Hegel, 29/02/2021. Não publicado).

Email: ac.rocha.costa@gmail.com

Recebido: 12/2021
Aprovado: 12/2022